



Juventude varguista em território bernardista: o movimento estudantil na Escola Superior de Agricultura e Veterinária (1939-1945)

GUSTAVO BIANCH SILVA*

O objetivo desta comunicação é discutir as características do movimento estudantil da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) – atual Universidade Federal de Viçosa (UFV) – e sua vinculação ao projeto de poder estabelecido por Getúlio Vargas. Na década de 1920, o presidente do Estado de Minas, Arthur Bernardes, propôs a construção de um instituto educacional que atuasse na qualificação da mão de obra para a agricultura. O próprio esforço do então presidente do estado de Minas Gerais para a construção da Escola na Zona da Mata relaciona, entre interesses econômicos específicos para o desenvolvimento da agricultura regional, a arregimentação eleitoral em direção à sua terra natal.

A economia mineira nos anos 1920 já não possuía o mesmo vigor de outrora. Dependente dos rendimentos oriundos da cafeicultura, a baixa diversificação da economia do estado tornava-se um grande problema. Somado a isso, a precarização da mão de obra, os minifúndios e o arcaísmo produtivo contribuíam para o aprofundamento da crise. Neste aspecto, o estabelecimento de uma escola formadora de mão de obra especializada para a agricultura oferecia oportunidade estratégica para mudança do panorama econômico. Especialmente com a valorização do capital humano, a instituição formaria indivíduos capazes de intervir na agricultura por meio de técnicas modernas, de forma a abandonar práticas de manejo do solo consideradas ultrapassadas e improdutivas.

A transformação do presidente Bernardes em símbolo da Escola foi natural à medida que o mesmo mantinha grande poder político na cidade. A representatividade do político viçossense passava por sua influência na imprensa local com o jornal de sua propriedade, o Cidade de Viçosa. Somado a isso, o Partido Republicano Mineiro (PRM), também marcado pela liderança de Bernardes, possuía grande prestígio na região da Zona da Mata mineira e obviamente, em Viçosa. O orgulho de possuir um cidadão nascido e criado na cidade se tornar um político de renome nacional também contribuía para fortificar sua imagem junto à população.

Na publicação oficial da UFV sobre sua história institucional, os autores demonstram o legado do presidente para a universidade e o êxito de seu governo em contribuir para a resolução dos problemas da agricultura mineira. Para Maria do Carmo T. Paniago, Bernardes

* Graduado em História (UFV); mestre em Extensão Rural (UFV); doutorando em História (UFMG).



“caminhou à frente de seu tempo”. Fundou a ESAV e “lançou as bases para a solução do angustiante problema da agricultura mineira da época” (PANIAGO, 2000, p. 49). A autora também destaca o sucesso do governo de Bernardes no incentivo à produção agrícola, na indústria e comércio (PANIAGO, 2000, p 50).

Talvez, o ponto alto da sua argumentação reside na identificação do político mineiro como democrata avesso a qualquer forma de ditadura. A autora argumenta que Bernardes participou da revolução de 1930 em rompimento com os valores autoritários da República Velha e, rompeu com Vargas em 1932 em nome da Revolução Constitucionalista. Preso e exilado, Paniago reforça que o ex-presidente retorna ao Brasil em 1934 como vitorioso, coroado posteriormente como deputado federal mais votado do país (PANIAGO, 2000, p. 51).

Na publicação da história oficial da UFV, o conteúdo do discurso inaugural da ESAV proferido pelo ex-presidente foi publicado. Novamente, na memória institucional o tributo à Bernardes é evidenciado. O discurso foi mais uma defesa do seu governo do que a celebração do surgimento da instituição, uma vez que Bernardes almejava a todo custo inaugurar a obra antes do fim do seu mandato para presidente, que terminava exatamente em 1926. Inicialmente, Bernardes revela seu contentamento por estar em Minas Gerais e em sua terra natal. Os laços sentimentais do presidente com sua localidade são ressaltados ao lembrar-se dos seus “queridos conterrâneos” e a formação do seu caráter iniciado e prolongado na cidade de Viçosa.

Na verdade, a alegria de estar em Viçosa e exercitar a memória para dignificar sua trajetória política torna-se uma arma para o presidente Bernardes. Alcançar o mais alto posto do país representava nas palavras de Arthur Bernardes “o maior sacrifício”. Entre as honrarias e que o cargo oferece, o presidente ressalta “as fadigas que a presidência impõe” e “as apreensões de toda sorte” carregadas pela investidura do cargo. Sim, Bernardes diz confiar “na solidariedade de seus concidadãos” e na confiança do povo mineiro para desempenhar o papel sublime de ser o presidente do país. Todo esse apoio buscado e vivido pelo presidente parecia estar ali, em sua frente, consubstanciado na maior obra do seu governo para o estado de Minas, a ESAV.

Anos depois, em 1952, Arthur Bernardes participou da colação de grau da UREMG como paraninfo. Seu discurso, também publicado no livro que remonta a história oficial da instituição, reforça a transformação no panorama agrícola mineiro por meio da fundação da ESAV. Somado a isso, o ex-presidente desfila diversas críticas aos seus adversários políticos que cogitaram transformar a instituição em quartel militar. Segundo ele, “só ela não sucumbiu



à ação destruidora dos novos bárbaros em virtude de protestos levantados na imprensa do Rio e de São Paulo” (BORGES, 2006, p. 58).

Portanto, as forças políticas que contribuíram para a fundação da ESAV estão ligadas a Bernardes, a saber, o grande inimigo de Getúlio Vargas após o apoio do político mineiro à Revolução Constitucionalista de 1932. A Escola permanecia como um legado vivo da atuação de Bernardes como governante que atende os anseios da população. Porém, a vinculação da imagem de Bernardes à ESAV não solidificou como um alinhamento definitivo da direção da Escola às ideias do fundador da instituição. Pelo contrário, existem diversos indícios que a figura do presidente Vargas era simpática na instituição, o que demonstra o caráter político ambíguo da comunidade universitária frente ao complexo panorama político nacional e estadual.

A ESAV, os estudantes e o espírito esaviano

A criação da ESAV significava, dentre outras coisas, a busca pela modernização da agricultura em um contexto de grande arcaísmo produtivo. Na verdade, a baixa produtividade era acompanhada por índices perversos de analfabetismo e problemas na saúde da população do meio rural, que amargava com o descaso do poder público em relação às regiões mais carentes do país, o que inclui a região de Viçosa. A Escola simbolizava uma “ilha de modernidade” diante das mazelas sociais do entorno.

Existia, neste aspecto, um ideário de desenvolvimento específico, que interpretava a pobreza e os problemas produtivos como resultado da carência de mão de obra qualificada e, sobretudo, da falta de conhecimento técnico para lidar com os problemas práticos do cotidiano produtivo. A explicação da pobreza rural não envolvia as questões sociais como concentração de terras ou a dominação das elites rurais, pelo contrário, “apenas” o baixo índice educacional dos trabalhadores associado à remuneração baixíssima dos mesmos que contribuía para a insuficiência produtiva do estado. Neste contexto, a ESAV tornava-se o bastião da modernização e da construção de uma nova economia para o estado.

Portanto, no intuito de irradiar a modernização no estado e na região de Viçosa, a Escola também deveria encampar-se dos valores modernos. Para tanto, a construção de uma cultura institucional objetivava, dentre outras coisas, solidificar a importância dos profissionais envolvidos diretamente com o trabalho agrícola, principalmente os agrônomos e médicos veterinários. Somado a isso, envolvia também o enobrecimento do trabalho agrícola e da criação de uma liderança especializada em utilizar o conhecimento científico em prol dos ganhos produtivos. O sujeito formado na ESAV estaria apto a intervir na produção agrícola,



porém, igualmente íntegro no aspecto da cidadania esperada de um indivíduo formado com a perspectiva moderna.

Neste contexto, a ESAV desenvolveu um *ethos* institucional específico, neste caso, o chamado “espírito esaviano”, envolvia a criação de uma liderança especializada em utilizar o conhecimento científico em prol dos ganhos produtivos. O “espírito esaviano” resulta desta tentativa de inculcar os valores cívicos, científicos, patrióticos e humanos que envolvia a formação na instituição. O aluno matriculado deveria assimilar o conhecimento científico, associá-lo à prática e, sobretudo, encarnar-se dos mais altos valores morais aprendidos no cotidiano escolar. Sem dúvidas, essa associação moral associava diretamente a uma prática política específica, sempre ao lado daquele que governa.

O esaviano, preferivelmente, optava pela negociação ao invés do confronto. Assim, mesmo com toda identificação da Escola com a figura de Arthur Bernardes, nos anos 1930, os estudantes por meio da imprensa estudantil, declaram dezenas de monções de apoio à Getúlio Vargas e aos seus aliados no Estado de Minas. O que explica esse comportamento político estudantil?

Esavianos varguistas?

À despeito da influência de Arthur Bernardes na ESAV, as páginas da Revista Seiva¹ possuem dezenas de homenagens e menções honrosas ao presidente Vargas e também à gestão de Valadares em Minas. Isso demonstra que o “espírito esaviano” vai além de uma característica comportamental dentro da Escola. A conduta política implícita no “espírito esaviano” valoriza o recurso da negociação em detrimento do enfrentamento. Estar mais próximo do poder e obter ganhos por meio da persuasão e da barganha fazia muito sentido na administração local do que admitir qualquer tipo de oposição política. A existência de tão alto prestígio a Vargas e Valadares aponta uma cultura política de grande flexibilidade em relação ao poder. Os problemas enfrentados nos anos anteriores são “esquecidos” e o varguismo é vivenciado com naturalidade, pelo menos no discurso da imprensa estudantil.

Uma questão é necessária para problematizar esse mergulho dos estudantes em direção ao nacionalismo e à figura do presidente Getúlio Vargas. Por que os estudantes saudaram com tamanha ênfase o governo Vargas? A hipótese aqui levantada relaciona diretamente o “espírito esaviano” a essa escolha pelo nacionalismo e o “varguismo”. Se Getúlio Vargas era o inimigo natural do Partido Republicano Mineiro (PRM) e de Arthur Bernardes, sua figura foi

¹ Periódico estudantil fundado na década de 1930 na ESAV. As publicações tinham um perfil técnico-científico. Porém, em muitos exemplares, temas políticos foram expostos pelos autores.



“venerada” na ESAV, sobretudo no contexto da Segunda Guerra Mundial. Na formatura de 1940, o aluno que discursou na cerimônia foi enfático em afirmar que os formandos foram brilhantes em convidar o governador Valadares como paraninfo:

Brilhante, enfim, porque simboliza um dever que todos nós possuímos de brindar àquele que tem feito de Minas, nestes últimos anos, o Estado mais progressista da União. A ideia se cristaliza senhores.... Hoje, honrando como nunca o nome de nossa escola, temos junto de nós, sob este mesmo teto amigo, a figura ilustre do grande estadista mineiro. Manifestando-lhe nossa simpatia, convidando-o como paraninfo, porque sentimos, na grandiosidade de suas realizações, o vigor moço de seu patriotismo².

Quem presidiu a cerimônia foi Benedito Valadares. Porém, infelizmente, seu discurso não foi publicado pela Revista.

Em 1942, o Dr. Israel Pinheiro, secretário da agricultura do Governo de Minas, também foi o paraninfo dos formandos de agronomia. No discurso do orador da turma, há um reconhecimento expressivo do papel desempenhado por Pinheiro no desenvolvimento da agricultura. Segundo o estudante-orador, “o vosso dinamismo e a vossa capacidade de trabalho, que vos fazem um prolongamento da personalidade do imortal João Pinheiro, serão, pela vida a fora o farol por onde procuraremos nos orientar”³. A palavra de Israel Pinheiro é uma defesa do governo Vargas e também da gestão de Valadares em Minas. De acordo com o secretário do governo,

A ação renovadora do regime, praticada no Brasil pelo presidente Getúlio Vargas e em Minas pelo Governador Benedito Valadares, vai anulando progressivamente as forças da rotina e do atraso, orientando todas as energias, antes dispersas, para o engrandecimento econômico do Brasil. Hoje, os agrônomos que se formam não sentem as necessidades e reclamos de antes⁴.

Na mesma edição, a Revista Seiva faz uma homenagem ao aniversário do presidente. O texto destaca que nunca na história nacional se viu tantas manifestações positivas em relação a um governante, ou seja, que “recebessem tamanha demonstração de confiança e de solidariedade do nosso povo”⁵. O autor ainda completa que tanto o exército quanto os jovens “desfilaram nas grandes cidades, secundadas pelos trabalhadores nacionais, para aclamarem o nosso maior reformador político”⁶.

A menção honrosa à Vargas é completada pelo louvor de tantas benfeitorias praticadas pelo governo citado, a saber, “a marcha para o oeste, a instituição das leis trabalhistas, o

² Revista Seiva, N.2 Outubro-Novembro de 1940. Ano I.

³ Revista Seiva, N. 7 – Março – Abril de 1942. Ano II

⁴ Ibidem.

⁵ Ibidem.

⁶ Ibidem.



desenvolvimento da lavoura, da pecuária, da indústria siderúrgica, a reorganização das nossas forças da terra, mar e ar (...)”. Para completar, o autor finaliza com a homenagem da Revista Seiva ao presidente:

Seiva – a palavra escrita do moço esaviano – por intermédio de sua diretoria, quis prestar homenagem ao grande amigo da Agricultura, inaugurando o seu retrato na sede do Centro dos Estudantes da ESAV, em uma memorável sessão solene, a qual compareceram além de estudantes e professores, famílias e autoridades civis e militares de Viçosa. (...)

Além das homenagens recebidas, outras referências a Getúlio Vargas são encontradas na Revista Seiva. Certamente, as notícias da Grande Guerra e o posicionamento do Brasil junto aos aliados fomentava o imaginário da juventude quanto os rumos da política externa. Sacudidos por uma onda de patriotismo, grande parte da juventude brasileira se engajou na luta contra o nazismo e na campanha para a entrada do país na guerra.

Quando se refere ao movimento estudantil além das fronteiras de Viçosa, os estudantes engajados na UNE tiveram uma relação ambígua com o governo Vargas, sobretudo no contexto da Segunda Guerra Mundial. Müller (2005) é enfática ao apontar que em primeiro lugar, havia uma “cultura estatista” das instituições na vigência do governo de Getúlio Vargas. Se por um lado a UNE buscava sua autonomia no cenário político nacional, por outro exigia do governo subvenções para a manutenção de sua militância. Dessa forma, a crítica ao governo estava diluída na necessidade de afirmação do movimento estudantil, criando assim, um comportamento ambíguo do movimento diante do poder.

Internamente, a corrente política liderada pelos comunistas se portou ao lado de Vargas, mesmo com ressalvas. O pensamento “etapista” do PCB interpretava no governo características nacionalistas que seriam capazes de unir a classe trabalhadora para posteriormente, fazer a revolução. Notadamente, os estudantes comunistas eram críticos à aproximação do governo com as ditaduras fascistas, o que não era suficiente para compor uma oposição sistemática ao presidente. De qualquer forma, as demandas estudantis alcançadas pela liderança do movimento se valeu pela pressão direta junto ao Ministério da Educação mediante o contato direto com o ministro Gustavo Capanema.

Para Saldanha, a postura da UNE só se volta contra Vargas com o “aumento da pressão interna pelo fim do Estado Novo e a proximidade do desfecho da II Guerra” (SALDANHA, 2005, p. 24). Houve estudantes que promoveram intensa oposição ao governo Vargas, sobretudo os paulistas. Organizaram uma série de comícios e passeatas contra o presidente, o que redundou em grande perseguição contra os mesmos.



Entretanto, o comportamento político dos estudantes da ESAV não se circunscreve nas ambiguidades do movimento estudantil nacional. Aliás, não há menção na documentação sobre a participação do Centro Estudantil com partidos políticos. Poucos foram os eventos nacionais da UNE que contaram com a participação dos discentes de Viçosa⁷, ou seja, as diretrizes nacionais do Movimento possivelmente não eram seguidas na ESAV.

Mesmo assim, em 1945, quando a ESAV conseguiu enviar dois participantes para o VIII Congresso Nacional da UNE a frustração foi exposta nas páginas do jornal estudantil. O que os estudantes relataram é que “em geral os estudantes de agricultura têm pouca voz nesses conclaves, e que são os estudantes de Direito, Filosofia, Medicina, enfim, os das capitais que dirigem esses conselhos”⁸. O outro problema apresentado foi a menor atenção dada a causa estudantil. O autor até reconhece que o contexto de guerra mundial suscitava questões gerais, porém, para ele o problema era maior: a abordagem política em detrimento da causa estudantil. Segundo o Jornal, “essas entidades estudantis não têm sido em suma a expressão da vontade da massa dos estudantes brasileiros”⁹. Portanto, não é possível afirmar que o apreço ao varguismo encontrado nas publicações da Revista Seiva tem relação com a UNE. O Centro de Estudantes pouco se conectava às diretrizes nacionais do movimento, sendo crítico ao aspecto político da organização nacional.

Na Revista Seiva, as publicações demonstravam o fervor do estudantado local em relação à Grande Guerra e, conseqüentemente, o apoio ao presidente Vargas. Certamente, a euforia demonstrada nas páginas do periódico refletia uma situação nacional de contentamento em relação à guerra. Segundo o texto,

O Brasil, que sempre amou a liberdade, colocou-se juridicamente contra o Eixo das tiranias: Eis, pois, o momento em que estão em jogo a nossa honra e dignidade, em que precisamos mobilizar todas as forças: da boa vontade ao sacrifício, da ordem à disciplina. Agora, mais do que nunca, precisamos formar uma falange decidida ao lado dos heróis obscuros da produção. Trabalhar e produzir, antes de tudo. “todas as formas de trabalho útil concorrerão para a vitória, que será a vitória do Brasil”¹⁰.

Porém, como herdeiros do “espírito esaviano”, o serviço à pátria e a convergência com os interesses das potências democráticas – principalmente os Estados Unidos – refletia uma postura otimista em relação ao governo Vargas e aos rumos da Guerra. Neste aspecto, a

⁷ Na verdade, há menções no Jornal O Bonde sobre eventos da UNE e da UEE que tiveram participação de estudantes viçosenses, porém, a maioria nas décadas de 1950 e 1960.

⁸ Jornal O Bonde. 27 de outubro de 1945, n. 7. ano I.

⁹ Ibidem.

¹⁰ Revista Seiva, N.9 – Agosto – Setembro de 1942



participação na Guerra permanecia como uma escolha da própria instituição, identificada com os valores patrióticos do governo e associados ao “espírito” que:

A Esav melhora o homem, a semente e o animal, para engrandecer a Pátria. Prepara soldados da produção que, com a semente e o animal melhorados, vão pelo Brasil, fazendo sua emancipação econômica. E os soldados esavianos que aprendem a cultivar, enriquecer e amar a terra, empunharão o fuzil com o mesmo denodo e desassombro como o fazem com os instrumentos do trabalho e do progresso. Trocarão, se preciso for, os campos agrícolas e os laboratórios pelos acampamentos – para mostrar ao mundo o valor da Pátria brasileira, a terra da Liberdade¹¹.

Por outro lado, estava completamente ignorado o caráter repressivo do Estado Novo, principalmente o fato de existir, no cenário político nacional, alguns estudantes presos por sua participação em passeatas contra o governo e por seu engajamento no Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Nessa mesma edição da Revista Seiva, é publicado um texto de Getúlio Vargas sobre a posição do Brasil em relação à guerra. Após o episódio das explosões dos navios mercantes brasileiros pela Alemanha nazista e, também, pela negociação com os Estados Unidos, o país declara guerra contra os países do Eixo. A declaração de Getúlio Vargas é publicada na Revista como se fosse uma resposta do presidente aos clamores populares. O tom do discurso marcadamente nacionalista, certamente criou um canal comunicativo com as expectativas de muitos estudantes:

Qualquer inimigo que pise o solo pátrio, sobrevoe as nossas cidades ou infeste o mar territorial, receberá o mesmo castigo infligido aos submarinos que, numa prática de pirataria, investiram contra nossa navegação costeira e foram afundados pelos intrépidos e eficientes pilotos das nossas forças aéreas. (...) Os nacionais dos países com os quais estamos em guerra, que aqui vieram e construíram seus lares de forma regular e honesta, nada devem recear enquanto permanecerem entregues ao trabalho, obedientes à lei e prontos a colaborar nas atividades defensivas do país. (...) O Brasil, como país jovem, de estrutura social plástica, rico de possibilidades e com uma formação de equilíbrio adaptável a todas as transformações, está naturalmente projetado para o futuro e nele terá de encontrar a solução definitiva das equações de seu progresso. Não deve, portanto, temer os dias vindouros e os sacrifícios inevitáveis que lhe assegurarão o direito de colaborar nas renovações de ordem política e econômica que resultarem desse tremendo choque de poderios, mentalidades e culturas¹².

De forma constante, há diversas menções na Revista Seiva sobre a Escola à serviço da pátria. Somado a isso, outro autor reforça que “continuando sua marcha pelo bem da agricultura e da pecuária nacionais, a ESAV entrega neste fim de ano mais alguns moços ao Brasil para que eles se gastem servindo à bela causa de tornar a pátria independente”¹³. Também, a

¹¹ Revista Seiva, N.9 – Agosto – Setembro de 1942

¹² Revista Seiva N.9 – Agosto – Setembro de 1942.

¹³ Revista Seiva N. 10. Outubro e novembro de 1942. Ano III



associação entre a Escola e a pátria é ressaltada em seu aspecto sublime, ou seja, na preparação o indivíduo que se entrega ao país: “é só isso que a ESAV pede a seus filhos. Todos são tratados igualmente porque todos são brasileiros que amam carinhosamente sua pátria e de todos esforços são capazes”¹⁴.

Após o fim do governo Vargas, a euforia em torno do seu legado já não era a mesma. Não se vê nenhuma publicação a respeito do antigo presidente nas páginas dos jornais ou revistas estudantis. Pelo contrário, na ocasião da formatura dos agrônomos em 1947, uma referência demonstra aversão aos quinze anos governados pelo chamado “Pai dos Pobres”. Primeiramente, a crítica do orador reside na maior atenção dada por Vargas ao trabalhador urbano em detrimento dos agricultores. Em segundo lugar, o Antônio Dias Lopes, a “legislação social brasileira, que muitos decantaram, não chegou a realizar a sindicalização das classes rurais (...) E embora as estatísticas confessem sermos 80% agricultores, continuam os problemas de nossas agricultura”¹⁵. E por último, o orador dos formandos critica o orçamento irrisório para o Ministério da Agricultura.

Não bastasse o julgamento ao presidente Vargas em relação ao seu desempenho no que se refere à agricultura, o autor desfila elogios ao ministro do governo do General Eurico G. Dutra, que estava presente na formatura dos estudantes de agronomia. Segundo o autor,

*durante os sombrios 15 anos de ditadura, apesar do trabalho fecundo que vinha se realizando aqui neste recanto de Minas Gerais, e do Brasil, nunca um ministro da agricultura se dignou de vir até nós, para observar de perto as grandes realizações, que levamos a efeito, no terreno da agricultura e da pecuária*¹⁶.

Chama bastante a atenção à associação feita pelo estudante em relação ao caráter ditatorial do governo Vargas. Anos antes, a própria Revista Seiva publicara diversos artigos que exaltavam o sucesso de Vargas e seu caráter revolucionário à frente do país. O contexto de repressão não foi evidenciado. Após a derrocada do Estado Novo em 1945, nos anos do governo de Dutra – ainda que contasse com o apoio do ex-presidente – por que a euforia em torno de Vargas foi substituída pela crítica?

É notório, neste aspecto, que a cooperação com o governante era um componente muito valorizado entre os “esavianos”. Fazia parte do *ethos* institucional a colaboração com o poder em detrimento do enfrentamento. O estudante, enfim, termina seu discurso agradecendo a

¹⁴ Revista Seiva N. 11. Março – Abril de 1943. Ano 3

¹⁵ Revista Seiva. N. 26. Março – Junho de 1947. Ano 7

¹⁶ Ibidem.



presença do ministro e principalmente, exalta a postura do novo governo no tocante à valorização da agricultura. De acordo com o autor,

A Escola se rejubiliza por isso, com a presença de V. Excia, porque sente a necessidade de uma apreciação mais direta de sua obra. (...) Confiamos pois em V. Excia., que tem mostrado tanta objetividade em suas ações e tanto interesse no cargo que ocupa, como responsável pelo levantamento da agricultura nacional, para cumprir a missão que hoje recebemos¹⁷.

Portanto, pode-se concluir que o “espírito esaviano” contribuía para uma prática política de menor enfrentamento diante das estruturas de poder. Dentro desta cultura institucional, o confronto pelo poder era preterido pela aproximação e negociação com as classes dirigentes. A flexibilidade torna-se o recurso preferível diante das opções disponíveis no jogo político. Por isso, uma instituição marcada pelo “bernardismo” é capaz de manter sinais de apoio a Getúlio Vargas, inclusive entre os estudantes. Também, o fascínio pelo nacionalismo e a associação entre ser “esaviano” e servir a pátria contribuiu para uma maior identificação dos estudantes com o líder máximo da nação. O autoritarismo e a repressão típica do Estado Novo, foram ignorados nas publicações estudantis. Porém, após a redemocratização em 1945, a imagem de Getúlio Vargas é completamente diferente no periódico: de benfeitor do país para ditador.

Bibliografia

BORGES, José Marcondes; Sabioni, Gustavo Soares; Magalhães, Gilson Faria Potsch. *A Universidade Federal de Viçosa no Século XX*. 2ª.ed. Viçosa. MG. Editora UFV, 2006.

MÜLLER, Angélica. *Entre o Estado e a sociedade: a política de juventude de Vargas e a fundação e atuação da UNE durante o Estado Novo*. 2005. 131 p., anexos. Dissertação (Mestrado em História), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. **Viçosa: mudanças socioculturais: evolução histórica e tendências**. Viçosa, MG: Ed. Viçosa, UFV, 1990.

SALDANHA, Alberto. *A UNE e o mito do poder jovem*. Maceió: Edufal, 2005.

¹⁷ Revista Seiva N. 26. Março – Junho de 1947. Ano 7.